

MENSAGEM DE UM POETA SOLITÁRIO

LACYR SCHEITINO

Se te queixas, mesmo sobre o ombro do melhor amigo, estás lançando ao vento o mais puro ouro do teu universo. Que é poesia, senão angústia em busca de expressão?

Um silêncio de ermida numa solidão de abismo. O resto será poesia.

Debruça-te, cada hora, sobre os versos que desejam viver. Aos que não insistem, procura adormecê-los junto a uma sombra do acaso, que talvez venham a despertar algum dia.

Não te lastimes da ausência de estímulo, se te acreditas um autêntico poeta. Não se sente o jardineiro recompensado à simples contemplação do seu rosal?

Não é própria de um poeta a natureza gregária. Só na solidão poderás colocá-lo em relevo, como a montanha ou o rochedo.

Se queres aumentar tua popularidade, filia-te aos grupos humanos; mas se queres manter a força creadora, refugia-te na solidão.

Aceita, com ternura, teus sonhos, teus recalques, tuas amargas ou frustradas experiências e nem te esforces em demasia por te desvencilhares do sofrimento. Que fios de seda te restariam para urdir a trama dos teus versos?

Empenha-te em tornar clara a tua mensagem. Para quem então escreves?

Para os peixes que não te entendem, ou para as pedras que não te escutam?

Por que não te confessares, dentro da poesia? Para que acreditas ter-te Deus outorgado esse dom que não lhe pediste?

Revela os escaminhos da tu'alma, com a coragem e a certeza dos que não esperam ser ouvidos. Se não contares o que de melhor sabes contar, correrás o risco de te perderes por encruzilhadas que nunca trilhaste.

És o centro do teu universo. Só tu lhe conheces as rampas, as veredas, e os subterrâneos. Quem pois, melhor do que tu mesmo, poderá acender o lume que conduzirá ao fim da jornada?

Amadurece tuas horas na leitura e, sobretudo, na meditação. Não tenhas pressa em colocar o lapis entre os dedos. O poema tem seu momento de gênese — exato, fácil, maravilhoso — e necessita libertar-se de ti tanto quanto tu dele próprio.

Mesmo se compões mais para ti mesmo do que para os outros, evita o risco de escrever numa linguagem, da qual, um dia, poderás te esquecer.

Respeita a nova alma que cada poema traz consigo. Ao escrever o último verso, terás morrido com ela.

Podes imprimir riqueza a teu poema, infundi-lhe brilho, apurar-lhe o sentido, mas sabes, acaso, o que lhe dará permanência?

Se estás em verdadeira solidão, a palavra do sábio te chega como suave música e a do néscio não poderá romper a profundidade do teu silêncio.

Pela porta dos sentidos penetram, não a poesia, mas nada mais que seus pretextos. O que dela se evapora libertou-se de um bloco interior que escraviza ao desconhecido.

Se és sincero contigo mesmo, não importa que teu poema possa parecer frágil e primitivo. Nem todos os ouvidos podem perscrutar a profundidade de onde ele surgiu.

Quando a inquietude não for mais que uma sombra sem contorno, quando o desespero se fiser música distante e desatrapalada, quando já não souberes distinguir entre solidão e tempo, então curva-te diante do inevitável e abençoa a poesia que vem surgindo.

A solidão não é teu exílio, mas tua verdadeira pátria. Aí tens tua fortaleza, teu barco de fuga, tua ponte pencil. E ao contemplares as estrelas, deve consolar-te a certeza de que elas brilham apenas para a tua noite.